

NOTA DA AUTORA



Este livro é-me muito querido por muitas razões, mas antes de mergulharem nele, quero apenas avisar-vos de alguns temas, incluindo de uma personagem principal que foi traída numa relação passada, a memória de complicações de uma gravidez, uma menção ao suicídio e uma personagem com ansiedade crónica. No entanto, apesar destes temas pesados, os leitores serão brindados com gargalhadas e «felizes para sempre». Podem encontrar mais orientações sobre o conteúdo deste livro na minha página do *Goodreads*. Muito obrigada pela leitura e espero que gostem do livro.

Com amor,

Abby

*Ao Carlos, o meu marido maravilhoso,
que cuidou de mim em momentos muito difíceis.
Obrigada por nunca me fazeres mal.*

CAPÍTULO 1

BRIANA



— Tratam-no por «Dr. da Morte».

A Jocelyn estava de pé, a olhar-me com dramatismo do outro lado do posto de enfermagem onde eu estava sentada ao computador, a preencher fichas de doentes.

Olhei para ela, por cima do ecrã, e revirei os olhos.

— Dá-lhe um desconto — disse eu, escrevendo nas notas. — O homem chegou há onze horas. É o primeiro dia dele.

— Aí é que está — sussurrou ela. — Ele tem uma taxa de mortalidade de cem por cento.

Bufei, mas não voltei a olhar para cima.

— Não lhe podem chamar isso. Não precisamos que os doentes ouçam as enfermeiras a sussurrar sobre um «Dr. da Morte».

— Podemos tratá-lo por «Dr. M»?

— Não.

— Porquê?

— Porque «Dr. M» tem uma conotação sexual.

Ela bufou.

— Está bem, mas a sério. Alguém devia investigar o assunto. Seis pacientes mortos?!

Consultei o relógio.

— Nós trabalhamos nas urgências, Jocelyn. Não é nenhuma novidade.

— Não devias ser a chefe de urgência? O teu *trabalho* não é investigar situações como esta?

Dei um último toque no computador e olhei para ela.

— O Dr. Gibson ainda não se reformou e a direção não votou no seu substituto, por isso, não, não é o meu trabalho.

— Mas vai ser. Vais conseguir, de certeza. Não achas que devias começar a preparar-te e parar a carnificina? — Ela afastou-se e cruzou os braços.

Sentia os olhos de uma dúzia de outras enfermeiras invisíveis a observarem-me. A Jocelyn foi enviada como porta-voz. Quando as enfermeiras se agarravam a alguma coisa, não a largavam. Este pobre homem. Ele *não* ia gostar de trabalhar aqui.

Deixei escapar um suspiro.

— O primeiro doente era uma pessoa de 96 anos com problemas cardíacos. O segundo, uma vítima de AVC de 89 anos com indicações para não ressuscitar. Sofreu uma lesão num acidente de carro, dei uma espreitadela nas radiografias e só Deus podia ter salvado aquele homem. O quarto doente foi vítima de um ferimento de bala na cabeça, que não preciso de te lembrar que é noventa por cento fatal. Quando chegou, a vítima estava em coma, sem nenhum indício de atividade cerebral. O quinto era um doente oncológico em cuidados paliativos; e o sexto estava em choque séptico, já praticamente morto quando aqui chegou. — Olhei-a nos olhos. — Não. É. Culpa. Dele. Às vezes, acontece.

Ela cerrou os lábios.

— Às vezes. Mas não no primeiro dia — salientou.

Tive de concordar com isso. As probabilidades eram um bocado baixas. Mas ainda assim...

— Manda os pacientes novos para mim, está bem? — acabei por dizer, um pouco cansada. — Ele só trabalha mais uma hora. E nada de «Dr. da Morte». Por favor.

Ela olhou para mim.

— Ele é mal-educado.

— Em que medida é que é mal-educado? — perguntei.

— Ele disse ao Hector para guardar o telemóvel no cacifo. *Tu* nunca nos obrigas a guardar os telemóveis.

— O Hector não está a passar por uma separação épica com o Jose? Ele deve andar a olhar para o telemóvel a cada cinco segundos. É provável que eu também o tivesse obrigado a guardá-lo.

A porta do quarto oito abriu-se e um homem branco de cabelo castanho-avermelhado e bata preta saiu. Estava de costas para mim, por isso não conseguia ver-lhe o rosto. Vi-o tirar as luvas e deitá-las para um cesto de resíduos perigosos. Apertou a cana do nariz, respirou fundo e arrastou-se para os balneários, de cabeça baixa.

O Hector saiu do quarto atrás dele e olhou para nós. Levantou sete dedos e suspirou, de dentes cerrados.

A Jocelyn olhou-me com um ar de «eu avisei» e abanei a cabeça.

— Nada de «Dr. da Morte». Agora vai. Faz algo produtivo.

Ela fez beicinho durante um segundo, mas depois foi-se embora.

O telemóvel tocou e peguei nele.

Alexis: Quero visitar-te no dia 19.

Escrevi a resposta:

Estou bem.

Eu não estava nada bem. Contudo, não ia pedir à minha melhor amiga grávida para acabar a sua lua de mel e vir passar tempo comigo na casa abandonada e assombrada em que a minha vida se havia transformado. Eu amava-a demasiado para a condenar.

O telemóvel tocou na minha mão.

Levantei-me, entrei numa sala vazia e carreguei no botão para atender.

— Eu estou bem, a sério — tentei tranquilizar.

— Não. Eu vou ter contigo. A que horas saís?

— Alexis. — Suspirei. — Só quero fingir que esse dia é como qualquer outro.

— *Não* é um dia como outro qualquer. É o dia em que o teu divórcio se torna definitivo. É um dia importante.

— Não vou fazer nada de estúpido. Não lhe vou ligar bêbeda. Ou ficar com cara de merda e vomitar para o meu cabelo...

— Preocupa-me mais que atires *cocktails* Molotov contra as janelas dele.

Bufei.

— Acho que essa é uma preocupação válida — murmurei.

Quando se tratava do Nick, eu não tinha propriamente um historial de ser calma e racional. Quando por fim descobri que ele me andava a trair, gostava de dizer que agi equilibradamente e com graciosidade,

uma visão de dignidade perante uma traição e uma dor de cabeça insondáveis. Mas o que *realmente* fiz foi perder a cabeça. Deitei a aliança pela sanita abaixo e reguei as plantas dele com lixívia. Depois, liguei à mãe dele para lhe dizer que tipo de homem tinha criado e isto foi só o começo. Tinha-me chocado até a mim própria, com os níveis de mesquinhez a que estava disposta a agir. O *grand finale* das profundezas da minha degradação foi tão vergonhoso que até hoje proíbo a Alexis de falar no assunto.

— A não ser que tenhas um encontro com alguém, vou ter contigo — disse ela.

— Hum. Pois. — Sentei-me numa maca e encostei a mão à testa.

Desde o término com o Nick, tinha passado por alguns dos piores encontros *online* da história da Internet. Durante o último ano, a quantidade de lixo que encontrei no Tinder foi tão desoladora que o Nick ficou a parecer o Príncipe Encantado, em comparação.

— Ainda sem sorte? — perguntou ela.

— No mês passado, saí com um gajo que tinha um alcoolímetro instalado no carro por ordem do tribunal, porque tinha recebido demasiadas multas por conduzir embriagado. Ele pediu-me que respirasse para o aparelho, para o carro pegar. Também houve aquele que apareceu com uma suástica tatuada no pescoço. No último encontro que tive, a mulher do gajo, que eu não sabia que ele tinha, apareceu no Benihana e perguntou-me se era aquilo que ele andava a fazer com o dinheiro que dizia precisar para o material escolar dos miúdos. Ele disse-me que não tinha filhos.

Ela deve ter ficado vermelha ao telemóvel.

— Oh, que *nojo*.

— Não fazes ideia da sorte que tens por teres encontrado o Daniel. A sério. Faz um sacrifício aos deuses dos encontros por essa. — Olhei para o relógio. — Tenho de ir, estou a trabalhar. Ligo-te quando acabar.

— Está bem. Mas liga-me a sério — disse ela.

— Eu ligo.

Desligámos. Sentei-me por um momento a olhar para a parede. Estava lá pendurado um quadro de avaliação de dor. Com rostos de desenhos animados e várias expressões sobre níveis coincidentes de dor.

Uma cara sorridente verde sobre o número zero. Uma cara vermelha a chorar sobre o número dez.

Fixei os olhos no dez.

Tinha conseguido não pensar muito no dia 19. Esperava que, se não me concentrasse na data, talvez tivesse sorte e passasse alguns dias antes de perceber que tinha chegado e partido. Não era como se muita coisa fosse mudar quando o divórcio fosse finalizado. Eu e o Nick estávamos separados há um ano. Seria apenas a oficialização da papelada.

Mas mesmo assim.

Talvez a Alexis tivesse razão e eu não devesse estar sozinha. Para o caso de a data chegar e me apanhar de surpresa com um murro no estômago.

A última hora de trabalho foi tranquila. Fiquei com o único doente que entrou e ninguém morreu. Mas, para ser justa, era apenas o doente habitual das urgências, o tipo da matraca, com outro traumatismo, por isso as probabilidades estavam a meu favor.

Estava a preparar-me para sair quando a Jocelyn voltou a aparecer.

— Olá, o Gibson quer falar contigo antes de te ires embora. — O seu olhar cintilava. — É agora! — cantarolou ela. — Ele vai dar-te o cargo.

O Gibson era o atual chefe de urgência do Royaume Northwestern. Ia reformar-se este mês. Tecnicamente, tinha-se reformado há quase um ano. A Alexis havia ficado com o cargo e ele tinha-se ido embora. Um mês depois, ela despediu-se para se mudar para a cidade pequena do marido novo, no meio do nada, e abrir a própria clínica, por isso o Gibson voltou.

— A direção ainda não votou, por isso, duvido — respondi. — Mas agradeço a confiança.

Mas, depois, pensei no assunto e talvez ele me *fosse* oferecer o cargo.

Ninguém, além de mim, tinha dado um passo em frente. Mais ninguém se tinha candidatado. Será que precisavam de ir a votos? De que mais havia o Gibson de querer falar comigo?

Dirigi-me ao corredor, em direção ao gabinete do Gibson, um pouco entusiasmada. Aceitar o cargo ia ser uma tonelada de trabalho. Seis dias por semana, oitenta horas ou mais. Mas eu estava preparada. O Hospital Royaume Northwestern era a minha vida toda. Mais valia trabalhar até ao limite do meu potencial.

Bati na ombreira da porta.

— Olá. Querias ver-me?

O Gibson olhou para cima e sorriu-me calorosamente.

— Entra.

Estava sentado atrás da secretária, com o cabelo grisalho bem penteado para trás. Fazia-me lembrar um avô amoroso. Eu gostava dele. Toda a gente gostava. Ele estava neste cargo desde sempre.

— Fecha a porta — pediu ele, terminando algo que estava a assinar. Sentei-me na cadeira, em frente a ele.

Ele terminou a papelada, afastou-a e fez-me um sorriso aberto.

— Como estás, Briana?

— Ótima — respondi, com alegria.

— E o teu irmão, o Benny?

Abanei a cabeça.

— Tão bem quanto seria de esperar.

— Ótimo, fico contente por ouvir isso. É uma circunstância infeliz. Mas tem médicos fantásticos com ele.

Acenei com a cabeça.

— O Royaume Northwestern é o melhor. Por falar nisso, estou ansiosa por começar... não que esteja ansiosa por te ver partir — acrescentei.

Ele riu-se.

— Vai haver uma votação? — perguntei. — Mais ninguém se candidatou.

Ele passou os dedos pela barriga.

— Bem, é sobre isso que queria falar contigo. Queria contar-te pessoalmente. Decidi adiar a reforma por mais alguns meses.

— Oh. — Tentei disfarçar a desilusão. — Está bem. Pensei que tu e a Jodi se iam mudar para uma *villa* na Costa Rica.

Ele riu-se, de bom humor.

— E vamos. Mas a selva pode esperar. Gostava de dar a toda a gente algum tempo para conhecerem o Dr. Maddox, antes de avançarmos com uma votação. Parece-me justo.

Pestanejei.

— Desculpa. Quem?

Ele acenou com a cabeça, na direção das urgências.

— O Dr. Jacob Maddox. Começou hoje. Nos últimos anos, foi chefe de urgência no Memorial West. É um homem bom. Bastante qualificado.

Fiquei muda durante uns dez segundos.

— Estás a adiar a votação? Por *ele*?

— Para dar à equipa uma oportunidade de se conhecerem.

— Para lhe dar uma vantagem — disse eu, sem rodeios.

Ele pareceu um pouco surpreendido com a minha reação.

— Não, para que seja justo. Ambos sabemos que este tipo de coisas pode ser como um concurso de popularidade e ele merece uma oportunidade franca.

Fiquei a olhar para ele, incrédula.

— Vais mesmo fazer isto. Atrasar a votação para que ele tenha mais hipóteses de assumir o cargo. Estou cá há *dez* anos.

Ele olhou para mim com seriedade.

— Briana, tenho de pensar no que é melhor para o departamento. É sempre preferível ter um leque mais alargado de escolhas. Não há glória em conseguir um cargo por falta...

— Não seria por falta de concorrentes. Seria por mérito. Por dez anos de mérito.

Ele olhou para mim pacientemente.

— Sabes, a Alexis não conseguiu o cargo sem desafios. A concorrência é saudável. Se o trabalho é teu, continuará a ser daqui a três meses.

Fiquei ali sentada a tentar respirar calmamente pelo nariz. Foi preciso tudo em mim para não gritar: «Chamam-lhe Dr. da Morte!»

— São apenas três meses — continuou o Gibson. — Depois votamos e eu vou beber cocos para uma praia algures e espero que vocês também estejam onde querem estar. Aproveita a calma antes da tempestade, vai tranquila. Passa algum tempo com o Benny.

Soltei uma respiração lenta e centrada.

O Gibson, muito provavelmente, conhecia este tal Dr. da Morte. Devem ser amigos. Talvez joguem golfe ou algo do género. Tudo isto tresandava a nepotismo. Mas que escolha tinha eu? Se o Gibson tinha decidido não se reformar, não havia nada que eu pudesse fazer.

— Obrigada por me avisares — respondi, com rigidez. Levantei-me e saí.

Assim que entrei no carro, liguei à Alexis.

— Odeio este gajo novo — disse, quando ela atendeu.

— Bem, olá.

— Chamam-lhe «Dr. da Morte». Ele matou sete pacientes hoje. *Sete*.

No primeiro dia.

— Bem, acontece. — Ela parecia distraída.

— E ouve só, o Gibson está a adiar a reforma para que o gajo novo possa ter uma oportunidade de conseguir o lugar de chefe. É como um clube para rapazes.

— Hum-hum — murmurou ela.

Escutei durante um segundo. Depois recuei, com horror.

— Oh, meu Deus! Vocês estão aos beijos? Estou ao telemóvel!

Ela e o Daniel andavam sempre em cima um do outro. Acho que só apanhavam ar para comer.

Esfreguei a têmpera.

— Podes, por favor, atirar-lhe um balde de água fria e falar comigo? Estou a ter uma crise.

— Desculpa, espera aí. — Ela sussurrou algo que não consegui ouvir e riu-se. Depois, *ele* riu-se.

Revirei os olhos e esperei. Este seria o ano em que me iria tornar vilã.

Uma porta fechou-se ao fundo e ela voltou.

— Muito bem. Estou aqui. Conta-me tudo.

— Muito bem, o gajo novo foi transferido do Memorial West. Acho que era o chefe deles, por isso o Gibson quer adiar a votação para que todos o conheçam melhor. O homem é um idiota, as enfermeiras odeiam-no...

— Bem, se as enfermeiras o odeiam, não tens nada com que te preocupar.

— A questão nem sequer é essa! Achas que o Gibson faria isto se a transferência fosse uma mulher?

Ouvi-a a carregar nos botões de um micro-ondas.

— Hum, sim. Acho que sim. O Gibson é bastante justo. Não o imagino a tomar isto como uma questão de género.

— Devias ficar do *meu* lado.

— Eu *estou* do teu lado. Ouve, de certeza que o cargo é teu. Ele fez-te um favor. Acabou de te devolver o verão sem que estejas presa às urgências oitenta horas por semana. O Benny precisa de ti agora. É melhor que estejas livre nos próximos meses, enquanto ele se adapta.

Fiquei em silêncio. Da forma como as coisas estavam a correr com o Benny, provavelmente iria vê-lo tanto nas urgências como em casa. Fiz força para conter o nó que ficava sempre preso na garganta quando pensava no meu irmão mais novo.

— Então, como é o gajo novo? — perguntou a Alexis, mudando claramente de assunto.

— Não faço ideia — murmurei. — Ele é como a sombra de um demónio. Sempre que estou prestes a entrar numa sala onde ele também está, sai pela outra porta. Já vi a parte de trás da cabeça dele algumas vezes, mas é só isso.

— Não te apresentaste quando ele lá chegou?

— Eu *ia* fazê-lo. Mas, assim que cheguei, as urgências ficaram cheias. E depois, quando acalmou, não o consegui encontrar. É como se ficasse escondido algures num armário quando não está a declarar óbitos.

— Ouve — disse ela, voltando ao assunto. — Toda a gente gosta de ti. Vais ser um sucesso, independentemente de com quem concorras. E esse gajo novo? Dou-lhe um mês. As enfermeiras vão comê-lo vivo. Vais ser a primeira chefe salvadorenha na história do Royaume até ao fim do verão, *te lo prometo*.

A Alexis era trilingue. Inglês, espanhol e língua gestual americana. Era brilhante, uma filantropa de renome mundial de uma família prestigiada e, além disso, uma otimista.

Ouvi-a abrir a porta do micro-ondas.

— Ei, quando estiver aí, vou fazer-te *scones* — disse ela.

E, agora, também cozinhava. Tive de sorrir, apesar do mau humor que sentia. A Alexis *fazer scones* era comparável a eu ir para as traseiras cortar lenha... é mais provável o Inferno congelar primeiro. Ela mudou mesmo quando conheceu o Daniel, e para melhor.

Apoiei o cotovelo na porta do carro e a cabeça na mão. Senti-me a acalmar. A minha melhor amiga acalmava-me sempre. Por vezes detestava isso nela. Havia alturas em que só me apetecia estar furiosa,

a avançar com a força da minha raiva. Sentia-me agradecida pela minha capacidade de me manter furiosa, sobretudo no último ano. A raiva é um combustível poderoso. Pode ser muito motivadora. Fortificante.

O único problema da raiva é que arde com força e depressa. Não tende a arder durante muito tempo.

A tristeza arde durante muito tempo. O luto. A desilusão.

Percebi que era isso que eu temia que acontecesse no dia 19. O divórcio seria definitivo, a raiva iria esgotar-se por fim e eu ficaria com o que restava de mim.

O que não era muito.

CAPÍTULO 2

JACOB



Estacionei no parque de estacionamento e fiquei a olhar pelo para-brisas, a pensar se devia ir-me embora.

A Amy e o Jeremiah queriam falar comigo.

Nesta altura, só havia uma razão para precisarem de o fazer. Eu sabia o que era. Estava à espera disso há meses. Havia quase uma sensação mórbida de alívio por estarmos por fim a acabar com isto. Olhei, com tristeza, para o letreiro do edifício.

BAD AXE GRILL.

Foi ali que decidiram fazê-lo, num maldito bar de lançamento de machados. Seria neste lugar que iam largar a bomba? O local da reunião era apenas um pouco menos horrível do que a notícia que eu estava prestes a receber.

Seria barulhento. Haveria bêbedos. Pessoas com véus de noiva e chapéus de aniversário a gritar e a aplaudir por cima da música. Era o tipo de local que parecia denso, como se todos estivessem sentados uns em cima dos outros. Estranhos iriam esbarrar contra mim, as casas de banho estariam imundas e cheias de gente, as mesas pegajosas. Era como uma versão adulta de um Chuck E. Cheese com bebidas e rapazes de repúblicas desagradáveis.

Senti o coração começar a bater com força, com a ideia de estar naquele lugar.

Nunca ia a bares a não ser que estivesse a ser arrastado. O Jeremiah devia saber disso. Ele era o meu irmão, sabia que eu não gostava de lugares assim, que me sentia demasiado estimulado e sobrecarregado.

Mas o meu palpite era que ele estava a obedecer à Amy e este lugar era *muito* ela. Ela levava-me a um sítio destes e ficava perplexa quando eu queria sair o mais depressa possível. Ela dizia coisas como: «Mas eles são famosos pelas asas de frango! Tu adoras asas de frango, foi por isso que te trouxe aqui!», como se o molho de Buffalo certo pudesse atenuar o resto.

Não admira que ela se tenha ido embora.

Eu era aborrecido, retraído e impossível de compreender. Mesmo depois de dois anos e meio juntos.

Contorci-me no assento. Devia ir-me embora. Dizer-lhes que falava com eles mais tarde. Estava tão exausto que mal conseguia pensar com clareza. Hoje, tinha começado um trabalho novo. Tinha perdido todos os doentes que entravam nas urgências e eram direcionados para mim.

Esfreguei a têmpora. Sentia-me como um anjo da morte. A morte de certas pessoas é inevitável no meu ramo de atividade. Não se pode salvá-las a todas e é ingénuo pensar que se tem algum controlo sobre o que entra por aquelas portas. Mas no meu primeiro dia?

As enfermeiras odiavam-me. Conseguia sentir o ódio a escorrer delas durante todo o turno. E nenhum dos outros assistentes veio sequer dizer «olá».

Eu tinha duvidado de tudo nas últimas doze horas. Deixar o Memorial West para ir para um sítio novo, desistir da minha antiga posição de liderança, começar de novo. Em teoria, tinha parecido uma boa ideia, mas acho que tinha sobrestimado a minha capacidade de adaptação. Sentia-me sem rumo, como se estivesse a ser atirado de um lado para o outro num mar agitado e todos os capitães dos barcos que passavam estivessem a olhar para mim com desdém em vez de me atirarem uma boia de salvamento.

Estar neste restaurante infernal iria sugar as últimas energias da minha alma já esgotada.

Talvez pudesse adiar a reunião para amanhã. Mas se me fosse embora, a Amy e o Jeremiah iam pensar que eu estava magoado. Que ainda não tinha ultrapassado. Não conseguia lidar com isso. Mesmo que explicasse que era o *sítio* e não as *notícias*, eles nunca iriam acreditar em mim. Andava com a Amy durante anos e nunca consegui fazê-la entender a minha ansiedade, porque havia ela de entender agora?

Desejava que houvesse uma espécie de piloto automático em que pudesse entrar, como normalmente fazia no trabalho. Uma memória muscular que me fizesse passar pelos movimentos. Mas teria de ser tudo eu. Teria de estar acordado para isto. Inteiramente consciente.

Soltei um longo suspiro, desliguei a carrinha e saí para me arrastar até ao bar. Uma jovem com um *piercing* no nariz estava a trabalhar no balcão e levou-me a uma mesa nas traseiras, onde a minha ex-namorada e o meu irmão mais novo estavam sentados lado a lado.

Estavam a rir-se, encostados um ao outro antes de me verem, mas assim que me viram afastaram-se.

Senti o estômago revirar-se ao vê-los juntos.

Tinham deixado de ser convidados para o jantar mensal de família em casa dos meus pais, por isso, até agora, não tinha sido obrigado a vê-lo com os meus próprios olhos. Senti-me mal.

Sentei-me e tentei o meu melhor para parecer relaxado.

— Olá. Desculpem pelo atraso.

A Amy mordeu o lábio, daquela forma que fazia quando estava nervosa.

— Não faz mal. Pensámos que podias ter ido beber um copo ou assim com os teus colegas novos. Tendo em conta que foi o teu primeiro dia.

Bufei para mim próprio.

— Obrigada por teres vindo — disse ela.

Acenei com a cabeça.

Batida.

Batida.

Batida, batida, batida.

Os machados eram atirados contra as paredes.

Senti um ataque de ansiedade a arrancar-me os limites da visão e perguntei-me quanto tempo faltava para ter de me levantar e ir-me embora, quer fosse apropriado quer não.

Ficaram ali sentados, a olhar para mim como se não soubessem como começar.

Olhei para o relógio.

— Amanhã, tenho um turno de manhã cedo... — menti.

A Amy acenou com a cabeça.

— Sim. Desculpa. — Levou o cabelo para trás da orelha. — Então, não sei bem como dizer isto...

— Vocês vão-se casar — terminei eu.

Conseguia ver a confirmação na sua expressão apologética antes de ela proferir o que quer que fosse.

Ela acenou com a cabeça.

— Vamo-nos casar.

Batida. Batida, batida, batida.

Risos, gritos, o tilintar dos garfos nos pratos. Alguém deixou cair um copo e este partiu-se, e todos aplaudiram. A pressão da sala fechou-se sobre mim, mas consegui sorrir de uma forma que me pareceu autêntica.

— Parabéns — respondi. — Já marcaram uma data?

Ela olhou para o Jeremiah e ele sorriu-lhe.

— Estamos a pensar em julho — respondeu ele.

Acenei com a cabeça.

— Ótimo. É um bom mês. Bem, estou ansioso pelo casamento. — Fiquei espantado com o meu ar estoico.

A Amy lambeu os lábios.

— Nós, hum... não contámos a mais ninguém. Achámos que devias ser o primeiro a saber.

— Obrigado — disse. — Mas não era necessário. Tenho a certeza de que todos vão ficar contentes. — Olhei outra vez para o relógio. — O barulho está um bocado alto para mim aqui dentro. Acho que me vou embora. Parabéns. E avisem-me se puder ajudar de alguma forma.

Olharam para mim com gratidão. Não sei do que estavam à espera. Talvez pensassem que, apesar da forma graciosa como eu tinha lidado com tudo o resto até então, esta podia ser a coisa que me levaria ao limite. Mas eu estava completamente empenhado em manter a minha posição sobre este assunto. Ser difícil e indignado não iria mudar nada. E eles não me queriam magoar.

Mesmo que o estivessem a fazer.

Levantei-me e tentei fazer o meu melhor para sair do bar a uma velocidade normal. As *batidas* perseguiam-me, cada uma como um tiro nos calcanhares.

Senti-me a ultrapassar a onda de ansiedade quando entrei no ar fresco de abril e me inclinei para a frente sobre os joelhos, com a respiração ofegante no passeio.

Portanto, estava por fim a acontecer. A mulher que eu amava tinha seguido em frente. Ela ia casar-se com outra pessoa.

E a outra pessoa era o meu irmão.

No dia seguinte, estava no piso do hospital, entre doentes, quando o telemóvel tocou. Era a minha irmã mais velha, a Jewel. Olhei para a chamada recebida com uma sensação de pavor resignado.

La lidar com a onda de choque desta notícia por camadas. Primeiro, lidar com os meus próprios sentimentos em relação à mesma e, depois, lidar com os de todos os outros, que iriam cair sobre mim como água gelada, vezes sem conta, até eu ficar encharcado.

Entrei num armário e carreguei no botão para atender.

— Jewel.

— Mas que merda — disse ela. — Eu não vou, só para que saibas. Que se lixem os dois.

— Que se lixem os dois! — repetiu a mulher dela, a Gwen, ao fundo. Esfreguei a testa, cansado.

— Gwen, está tudo bem.

— Não faz mal não estares bem, Jacob. — Era a voz da minha mãe.

— Eu também não vou — gritou uma quarta voz. A minha outra irmã mais velha, a Jill.

— Eu também não! — A mais nova, a Jane.

A Amy e o Jeremiah devem ter contado à família juntos.

— O teu pai está aqui — disse a mãe.

— Jacob, estou cá se quiseres falar — disse o meu pai, de um sítio mais distante do que as mulheres.

Provavelmente, ele tinha sido enganado para fazer este telefonema. Declarações dramáticas não eram bem o seu estilo.

— Eles fizeram a cama deles — disse a Jewel. — Ninguém desta família vai lá estar.

— *Eu* vou lá estar. Estou feliz por eles — menti. — E tenciono apoiá-los — avisei, honestamente. — E espero que vocês também.

Elas arfaram indignadas, em unísono.

— Como é que *podes* estar de acordo com isto? — perguntou a Jewel.

— Eles começaram a namorar menos de três meses depois de vocês terem acabado. É nojento.

— É lixado. — Era o Walter, o marido da Jill.

O grupo todo estava reunido. Perfeito.

Sentei-me numa caixa de papel higiénico.

— Estou mesmo bem — respondi, apertando a cana do nariz.

— Tu *não* estás bem — insistiu a Gwen. — Eles são uns parvalhões! Como é que eles esperam que tu vás? Como é que esperam que *qualquer* um de nós vá?

— Acho que eles não estão à espera de nada — disse, cansado. — Mas o facto de não os apoiarem não vai mudar nada. Desde que eles me queiram lá, eu vou ao casamento. Mesmo que vocês não vão.

— Jacob — disse a mãe, com cuidado —, tu sempre foste o mais diplomático. Adoro isso em ti, mas *não* precisas de te sujeitar a isto. Não há problema em estabelecer limites.

— Mãe, eu estou bem. Já ultrapassei. Já segui em frente.

— *Como* é que ultrapassaste? — perguntou a Jewel. — Não tiveste um único encontro desde que ela acabou contigo.

A Jill sussurrou ao fundo:

— Talvez ele esteja a tentar encontrar-se a si próprio. Ele não precisa de namorar para seguir em frente...

— Precisa, sim! — A Jewel bufou. — Se ele não está a fazer sexo com outra pessoa, então ainda está obcecado por *ela*...

— Não sabemos se ele não anda a fazer sexo — disse a minha mãe. — Só porque não trouxe ninguém cá a casa, não significa que não esteja a ter relações sexuais, não é, Jacob? Embora eu ache que redescobrir a tua sexualidade depois de uma separação possa ser maravilhoso para a autoestima, sendo que o comportamento sexual de risco é mais comum depois de uma separação traumática. Se estás a ter relações sexuais, andas a *usar* proteção, certo? Agora, sabes o que penso sobre o óleo de coco como lubrificante, é muito benéfico para a vagina, mas faz com que os preservativos se rompam...

— E o óleo de gralha de uva? — perguntou o meu pai, de algures ao longe. — Também rompe preservativos? Eu gosto do óleo de gralha de uva. É sedoso.

— Muito bem, podem parar? — disse a Jewel.

— Eu e o vosso pai somos seres sexuais — respondeu a mãe. — Não vamos fingir que não sabemos como é que vocês foram feitos.

Fechei os olhos. Estou no *inferno*.

— Jacob, andas a fazer sexo com alguém? — perguntou a Jill. — Acho que devíamos esclarecer esse assunto

Levantei as mãos, irritado.

— Sabem que mais? Sim. Estou, sim.

A mentira foi tão inesperada que quase parecia que tinha sido outra pessoa a dizê-la. E tinha-a *dito* porquê?! Mas, depois, soube porquê.

Era uma daquelas falsidades que se diziam para fazer alguém sentir-se melhor. Dizer a um moribundo que tudo ia correr bem quando se sabia que não era verdade. Era uma espécie de misericórdia. Para todos eles.

Acho que, no fundo, a minha família queria estar de acordo com este casamento. Eles amavam a Amy e amavam o Jeremiah. Estavam chateados pelos princípios e pelo meu bem, não porque os odiassem. Apenas odiavam a forma como achavam que *me* fazia sentir. Era óbvio que, enquanto estivesse solteiro, eu era o ex-namorado rejeitado que precisava da proteção e indignação deles. Eu e a Amy nunca iríamos voltar a estar juntos, por isso qual era o objetivo? Porquê fazê-lo em minha honra? Eu não queria nada disso.

A Amy e o Jeremiah casar-se-iam com ou sem o apoio da minha família. E teriam filhos e esses filhos não teriam culpa. Mesmo que toda a família evitasse o meu irmão e a minha ex-namorada para o resto das suas vidas, não mudaria nada. Por isso, se tivesse de contar uma mentira para redirecionar a atenção, era isso que iria fazer.

— Andas a sair com alguém? — perguntou a Jill. — Quem é ela?

— É apenas uma pessoa com quem trabalho — menti, na esperança de que não falassem mais nisso.

— Do Royaume? — perguntou a Jewel. — Foi por isso que te despediste do Memorial West?

— Hum...

— Todos pensámos que te tinhas despedido para não teres de trabalhar com a Amy, porque estavas tão triste e de coração partido! — A Jill parecia entusiasmada. — Mas despediste-te porque estás apaixonado e queres estar perto dela?

Pestanejei.

— Sim...

Toda a gente soltou um *ohhhhhh*.

— Quando é que a podemos conhecer? — perguntou a Jane, com entusiasmo.

— Eu... Não sei — gaguejei. — Ainda não estou pronto para a apresentar a ninguém. É algo recente.

Conseguia senti-los a borbulhar do outro lado da linha. Merda. Agora, eles nunca iriam esquecer o assunto.

— Ouçam — continuei, levando o telemóvel para o outro ouvido. — Não me importo com este casamento. Já segui em frente e estou *feliz* por eles.

— Vais trazer a tua namorada ao casamento? — perguntou a Gwen, com um sorriso na voz.

— Hum... Acho que sim. Se ainda estivermos juntos, sim.

Mais gritos.

Ouvi a Jewel suspirar dramaticamente.

— Está bem — disse ela. — Está bem. Acho que, como não te importas, odeio menos a situação. Mas continuo a não estar entusiasmada.

— Eu gosto de casamentos — disse a Jill. — Mas sim, tens razão, ainda estou zangada com eles — acrescentou ela rapidamente.

Abanei a cabeça.

— Não estejas zangada com eles. Ouçam, tenho de ir. Estou no meu turno.

— Vemo-nos no dia 19 para jantar? — perguntou a minha mãe. — Eu quero lasanha, mas o teu pai é capaz de fazer porco assado.

— Sim, vou lá estar para o jantar — respondi.

— Podes trazer uma garrafa de vinho?

— Sim, eu levo vinho.

— Está bem. Adoro-te!

Todos se despediram em unísono e desligaram. Pousei o telemóvel na coxa e levei as palmas das mãos aos olhos.

Vou ter de dizer que acabei com a minha namorada imaginária, mas apenas quando chegar a altura de o fazer. Espero que, entretanto, isso alivie a pressão. Talvez toda a gente deixe por fim de olhar para mim como se me fosse desfazer em pó.

É verdade que *foi* uma separação péssima. Mas, pelo menos, fiquei com o cão.

Arrastei-me para cima, saí do armário e senti alguém chocar contra mim. Soltei um grito e larguei o telemóvel, que foi aterrar no chão duro.

A médica que chocou contra mim não parou. Largou-me e continuou a correr pelo corredor, em direção aos quartos dos doentes.

— Mas que *raio*? — murmurei, pegando no telemóvel. O ecrã estava rachado. — Vê por onde andas! — gritei atrás dela, irritado.

Ela nem sequer olhou para trás. Uma enfermeira olhou-me aborrecida, como se *eu* fosse o idiota.

Será que toda a gente era assim tão mal-educada por aqui? Que raio se passa com este sítio?

Olhei com desânimo para o telemóvel. Ainda funcionava, mas o canto estava partido. O final perfeito para a pior semana de sempre. Cerrei os dentes.

Desci o corredor na direção em que a mulher foi a correr. Não sabia exatamente qual era o plano. Dar-lhe a minha opinião sobre correr nos corredores? Exigir que ela cobrisse a reparação do ecrã?

Entrei nos quartos, um de cada vez, até que a vi. Estava à cabeceira da cama, de costas para mim, a falar com um jovem.

O doente tinha um aspeto cinzento. Com um cateter de diálise no peito. A pele à volta parecia vermelha e inchada.

— Porque não me chamaste? — perguntou ela ao homem na cama. — Isto está completamente infetado. — Ela esvoaçou à volta dele, olhando para os sinais vitais. — Podias ter entrado em choque séptico. Isso é muito perigoso. — Ela tirou um termómetro da boca dele e abanou a cabeça. — Não podes deixar as coisas ficarem assim tão más, Benny. Tens de me dizer quando algo não está bem.

Compreendi então que estava a intrometer-me em alguma coisa e estava prestes a sair, mas uma enfermeira apareceu por trás de mim com uma máquina de diálise enorme, obrigando-me a entrar na sala. Afastei-me e fiquei junto à parede, enquanto ela a levava para a cama.

— Dói... — disse o Benny, em voz baixa.

— Eu sei — disse a mulher, um pouco mais suave. — Vou administrar-te antibióticos e analgésicos. — Ela levou uma mão à cabeça dele. — Dentro de alguns minutos terás dezasseis anos outra vez, como se estivesses bêbedo de *Jäger* num campo de milho.

Bufei e ela virou-se, reparando que eu estava ali.

— Hum, posso ajudar?

Meu *Deus*, ela era linda. Era tão bonita que me desarmou. Por um segundo, esqueci-me do que estava a fazer ali.

Cabelo castanho comprido, atado num carrapito desarranjado. Olhos castanhos grandes, pestanas cheias.

Depois, a minha ansiedade disparou, uma combinação violenta de um regresso ao décimo ano, nervoso, a falar com uma rapariga bonita, juntamente com o stresse de conhecer uma colega de trabalho num ambiente hostil, enquanto estava numa sala onde não devia estar. Fiquei paralisado.

Normalmente, isto não acontecia quando eu estava a trabalhar. No trabalho, geria bem a ansiedade. Sentia-me seguro e confiante nas interações com os meus colegas e subordinados. Eu era um excelente médico. Mas ela deixou-me perturbado só com o olhar, pela *forma* como olhava para mim, irritada e impaciente. Senti as minhas capacidades sociais a caírem como uma vítima de ataque cardíaco em paragem cardíaca.

Aclarei a garganta.

— Hum, esbarraste contra mim — disse eu, envergonhado.

Ela pestanejou, como se eu lhe estivesse a dizer a coisa mais sem importância do mundo.

— Está bem. Desculpa?

— Tu, hum, não devias correr nos corredores.

Ela ficou a olhar para mim.

Senti a boca ficar seca.

— É que eu fui chefe de urgência no Memorial West e sei como é fácil os acidentes acontecerem...

Os olhos dela brilharam.

— Sim, estou a par do teu currículo, Dr. Maddox. Obrigada pela dica. Agora, se não te importas, gostava de ficar a sós com o meu paciente.

Com o olhar, atirou-me punhais. O Benny estava a olhar. Até a enfermeira olhava para mim.

Fiquei ali parado durante mais um segundo. Depois, saí do quarto. Senti um rubor subir-me ao pescoço. Em que estava eu a pensar ao entrar ali daquela maneira? *Jesus Cristo, Jacob.*

Voltei para as urgências, repetindo na cabeça todo o encontro vergonhoso, obcecado com o que devia ter dito ou feito.

Tão estúpido.

Não devia ter abordado o assunto quando ela estava com um doente. Em primeiro lugar. Talvez devesse ter começado com o facto de ela ter partido o meu telemóvel, para que ela soubesse que eu não estava ali só para a chatear por causa da corrida.

Se calhar, devia apenas ter deixado passar.

Teria sido melhor deixar passar. Porque assim não teria havido nenhum encontro. Devia ter dito «quarto errado» e ido embora.

Meu Deus, eu era um parvo. Estava a conseguir, sem esforço, tornar-me a pessoa mais odiada do Royaume Northwestern.

Eu sabia, por anos de terapia, que estava a ruminar. Que o encontro provavelmente não tinha sido nada para ela, mas para mim parecia a coisa mais vergonhosa que alguma vez tinha acontecido. Daqui a uma década, iria estar deitado na cama, abrir os olhos e lembrar-me da forma incrédula como ela tinha olhado para mim, eu, o gajo que teve a audácia de entrar na sala de urgências e falar com ela sobre correr para um doente em estado grave, um doente que ela obviamente conhecia e com quem se preocupava.

Fiquei a segunda metade do dia a reviver a vergonha. A ansiedade parecia um choque elétrico. Uma corrente baixa e zumbidora sob a pele, um instinto de sobrevivência ativado e a roer-me, dizendo-me para fugir. Não conseguia escapar-lhe e não a conseguia acalmar.

Normalmente, os medicamentos para a ansiedade estabilizavam-me. Mas havia um limite para o que a medicação podia fazer por mim. Eu tinha de gerir o stresse, utilizar as ferramentas que tinha aprendido na terapia. Mais importante ainda, tinha de viver um estilo de vida conducente ao bem-estar. Foi isso que pensei que estava a fazer ao vir para cá, afastando-me da situação pouco saudável no Memorial West, com a Amy e o Jeremiah, fazendo uma escolha que era a melhor para a minha saúde mental.

Mas agora *isto*.

Eu sabia que estava a ser calado e taciturno, e que isso não estava a ajudar a cativar as enfermeiras, já por si frias, do turno, mas estava tão concentrado que não conseguia parar. Tinha conseguido trocar ver a Amy e o Jeremiah todos os dias por uma equipa inteira de pessoas que me odiavam.

Sempre tive dificuldade em fazer amigos. Ficava nervoso em ambientes sociais desconhecidos, por isso dizia a coisa errada ou tornava-me retraído, pelo que demorava algum tempo até que as pessoas se interessassem por mim. Talvez também precisasse de tempo neste hospital. Mas algo me dizia que este sítio era diferente. Eram demasiado reservados. Parecia estar a viver o ensino secundário outra vez. Eu era o estranho e continuaria a sê-lo, sobretudo se continuasse a fazer asneiras. E eu nem sequer sabia como parar.

Ainda tinha mais uma hora de trabalho, mas precisava de fazer uma pausa. Tinha a bateria mental outra vez vazia. Não queria encontrar aquela mulher na sala de descanso dos médicos, por isso voltei para o armário de arrumos.

Só que, quando lá cheguei, não estava vazio...